

JEFFREY ARCHER

CARA OU COROA

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



CAPÍTULO

1

ALEXANDER

Leninegrado

1968

— O que vais fazer quando deixares de estudar? — perguntou Alexander.

— Espero juntar-me ao KGB — replicou Vladimir —, mas eles nem sequer consideram a minha candidatura se eu não conseguir um lugar na universidade pública. E tu?

— Eu tenciono ser o primeiro presidente democraticamente eleito da Rússia — disse Alexander a rir.

— E se conseguires — disse Vladimir sem se rir —, podes nomear-me diretor do KGB.

— Não aprovo o nepotismo — disse Alexander, enquanto atravessavam o recreio da escola e saíam para a rua.

— Nepotismo? — indagou Vladimir, quando começaram a fazer o caminho para casa.

— Deriva da palavra italiana para sobrinho e remonta aos papas do século XVII, que distribuíam muitas vezes cargos e privilégios pelos seus familiares e amigos mais próximos.

— E que mal tem isso? — disse Vladimir. — Basta trocá-los os papas pelo KGB.

— Vais ao jogo no sábado? — perguntou Alexander, querendo mudar de assunto.

— Não. Depois de Leninegrado chegar às meias-finais, não havia qualquer hipótese de alguém como eu conseguir um bilhete. Mas é claro que, como o teu pai é o supervisor das docas, vos atribuem automaticamente dois lugares na tribuna reservada aos membros do partido.

— Não enquanto ele continuar a recusar filiar-se no Partido Comunista — disse Alexander. — E da última vez que lhe perguntei, não me pareceu nada otimista em relação a conseguir um bilhete, por isso o tio Niko é agora a minha única esperança.

Enquanto continuavam a andar, Alexander deu-se conta de que estavam ambos a evitar o único assunto que não conseguiam tirar da cabeça.

— Quando é que achas que vamos saber?

— Não faço ideia — disse Alexander. — Desconfio que os nossos professores gostam de nos ver sofrer, cientes de que esta é a última vez que têm poder sobre nós.

— Tu não tens motivos para te preocupar — disse Vladimir. — No teu caso, a única dúvida é se ganhas a Bolsa Lenine para a escola de línguas estrangeiras em Moscovo, ou se te oferecem um lugar na universidade pública para estudar matemática. Ao passo que eu nem sequer tenho a certeza de conseguir entrar em alguma universidade e, se não entrar, as minhas hipóteses de trabalhar no KGB vão por água abaixo. — Suspirou. — Provavelmente, acabo a trabalhar nas docas para o resto da vida, com o teu pai como chefe.

Alexander não se pronunciou enquanto entravam os dois no edifício de apartamentos onde moravam e começavam a subir os degraus de pedra gastos até às suas casas.

— Quem me dera morar no primeiro andar, e não no décimo quarto.

— Sabes tão bem como eu que só os membros do partido moram nos primeiros três pisos, Vladimir. Mas tenho a certeza de que, assim que fores para o KGB, hás de baixar de posição.

— Até amanhã — disse Vladimir, ignorando a brincadeira do amigo, enquanto começava a subir os restantes seis lanços.

Quando Alexander abriu a porta do minúsculo apartamento da sua família, lembrou-se de um artigo que lera recentemente numa revista do Estado, em que se dizia que a América estava tão cheia de criminosos que toda a gente tinha pelo menos duas fechaduras na porta. Talvez a única razão para isso não acontecer na União Soviética, pensou, fosse porque ninguém tinha nada que valesse a pena roubar.

Foi diretamente para o quarto, sabendo que a mãe só voltaria depois de terminar o seu turno nas docas. Tirou várias folhas de papel pautado, um lápis e um livro muito usado da pasta da escola e pousou-os na mesa minúscula ao canto do quarto, antes de abrir *Guerra e Paz* na página 179 e continuar a traduzir as palavras de Tolstoi para inglês. «Quando a família Rostov se sentou para cear nessa noite, Lev parecia distraído, e não apenas porque...»

Alexander estava a verificar duas vezes cada linha, à procura de erros ortográficos e a ver se lhe ocorria alguma palavra inglesa mais apropriada, quando ouviu a porta da rua a abrir. A sua barriga começou a roncar, e ele perguntou-se se a mãe teria conseguido trazer às escondidas alguns acepipes do clube dos oficiais, onde era cozinheira. Fechou o livro e foi ter com ela à cozinha.

Elena brindou-o com um sorriso caloroso enquanto ele se sentava à mesa, num banco de madeira.

— Alguma coisa de especial esta noite, mãezinha? — perguntou Alexander esperançoso.

Ela voltou a sorrir e começou a esvaziar as algibeiras, exibindo uma grande batata, duas pastinagas, metade de um pão duro, e o prémio da noite, meia salsicha que provavelmente tinha sido deixada depois do almoço no prato de um oficial. Um verdadeiro banquete, pensou Alexander, comparado com o que o seu amigo Vladimir iria comer nessa noite. Há sempre alguém pior do que nós.

— Alguma novidade? — perguntou Elena enquanto começava a descascar a batata.

— Faz-me a mesma pergunta todas as noites, mãezinha, e eu digo-lhe sempre que não estou à espera de saber nada durante pelo menos outro mês, ou talvez mais.

— É só porque o teu pai ia ficar tão orgulhoso se ganhasse a Bolsa Lenine... — Pousou a batata e afastou a casca para o lado. Nada seria desperdiçado. — Sabes que, se não fosse a guerra, o teu pai tinha ido para a universidade.

Alexander sabia isso muito bem, mas gostava sempre de ouvir dizer que o seu paizinho tinha sido enviado para a frente oriental como jovem cabo durante o cerco de Leninegrado e que, embora uma divisão Panzer de elite tivesse atacado continuamente a sua secção durante 93 dias, ele nunca abandonara o seu posto até os alemães terem sido repelidos e se terem retirado para o seu próprio país.

— E por isso foi agraciado com a medalha Pela Defesa de Leninegrado — disse Alexander na hora.

A mãe devia ter-lhe contado a história uma centena de vezes, mas Alexander não se fartava dela, embora o pai nunca tocasse no assunto. E agora, quase vinte e cinco anos mais tarde, depois de regressar às docas, ascendera a camarada supervisor-chefe, com 3000 trabalhadores sob a sua alçada.

Embora não fosse membro do partido, até mesmo o KGB reconhecia que era o homem certo para o lugar.

A porta de casa abriu-se e fechou-se com estrondo, anunciando a chegada do pai. Alexander sorriu quando ele entrou na cozinha. Alto e bem constituído, Konstantin Karpenko era um homem bonito, que ainda conseguia fazer com que mulheres jovens se virassem para o ver melhor. O seu rosto curtido era dominado por um bigode luxuriantemente farfalhudo que Alexander se lembrava de afagar em criança, algo que não se atrevia a fazer há vários anos. Konstantin deixou-se cair no banco em frente do filho.

— O jantar ainda leva meia hora a estar pronto — disse Elena enquanto cortava a batata em cubos.

— Quando estamos sozinhos, só devemos falar em inglês — disse Konstantin.

— Porquê? — perguntou Elena na sua língua materna. — Nunca conheci um inglês na vida e não me parece que venha a conhecer.

— Porque se quisermos que o Alexander ganhe aquela bolsa e vá para Moscovo, terá de ser fluente na língua dos nossos inimigos.

— Mas os britânicos e os americanos lutaram do mesmo lado que nós durante a guerra, paizinho!

— Do mesmo lado, sim — disse o pai —, mas só porque nos consideravam o menor de dois perigos. — Alexander ficou a pensar no assunto enquanto o pai se levantava. — Vamos jogar uma partida de xadrez enquanto esperamos? — perguntou. Alexander acenou afirmativamente. Era a sua parte do dia favorita. — Prepara o tabuleiro enquanto vou lavar as mãos.

Depois de Konstantin sair dali, Elena sussurrou:

— Porque é que não o deixas ganhar, para variar?

— Nunca — disse Alexander. — De qualquer forma, ele ia perceber se eu não me esforçasse e ia zangar-se comigo. — Abriu a gaveta debaixo da mesa da cozinha e tirou para fora um velho tabuleiro de madeira e uma caixa com um conjunto de peças de xadrez, a que faltava uma, daí que todas as noites houvesse um saleiro a fazer de bispo.

Alexander fez avançar o peão do seu rei duas casas, antes de o pai regressar. Konstantin respondeu de imediato, fazendo avançar o peão da sua rainha uma casa.

— Como é que se saíram no jogo? — perguntou.

— Ganhámos três a zero — disse Alexander, movimentando a torre da rainha.

— Mais um jogo sem sofrer golos, muito bem! — disse Konstantin. — Mas é mais importante que ganhes aquela bolsa. Presumo que ainda não saibas de nada...

— Nada — disse Alexander, enquanto fazia a próxima jogada. O pai levou alguns instantes a contra-atacar. — Paizinho, consegui arranjar um bilhete para o jogo de sábado?

— Não — confessou o pai, sem nunca desviar os olhos do tabuleiro. — São mais raros do que uma virgem na avenida Nevsky.

— Konstantin! — disse Elena. — No trabalho, podes comportar-te como um estivador, mas não quando estás em casa.

Konstantin sorriu para o filho.

— Mas prometeram dois bilhetes ao teu tio Niko, e como não estou interessado em ir... — Alexander deu um salto no ar enquanto o pai fazia a próxima jogada, satisfeito por ter distraído o filho.

— Podias ter os bilhetes que quisesse se concordasses em tornar-te membro do partido — disse Elena.

— Isso não é coisa que esteja disposto a fazer, como bem sabes. *Quid pro quo*. Uma expressão que me ensinaste — disse

Konstantin, olhando para o filho, do outro lado da mesa. — Nunca te esqueças de que aquela gente vai estar sempre à espera de receber alguma coisa em troca, e eu não vou trair os meus amigos por dois bilhetes para um jogo de futebol.

— Mas há anos que não chegávamos às meias-finais da taça — disse Alexander.

— E provavelmente não voltará a acontecer enquanto for vivo. Mas seria preciso muito mais do que isso para me filiar no Partido Comunista.

— O Vladimir já é pioneiro e inscreveu-se no Komsomol — disse Alexander, depois de ter feito a jogada seguinte.

— Não me surpreende — disse Konstantin. — Caso contrário, podia perder a esperança de vir a fazer parte do KGB, que é o *habitat* natural para essa fauna.

Alexander distraiu-se mais uma vez.

— Porque é que o paizinho é sempre tão duro com ele?

— Porque é um filho da mãe desonesto, tal como o pai. Nunca lhe confies um segredo, pois podes ter a certeza de que o KGB saberá dele antes de teres chegado a casa.

— Ele não é assim tão inteligente — disse Alexander. — Sinceramente, será uma sorte se lhe oferecerem um lugar numa universidade pública.

— Pode não ser inteligente, mas é matreiro e cruel, uma combinação perigosa. Acredita no que te digo, ele era capaz de vender a mãe por um bilhete para a final da taça, provavelmente até para a meia-final.

— O jantar está pronto — disse Elena.

— Vamos declarar um empate? — disse Konstantin.

— Não, paizinho. Estou a seis jogadas de um xeque-mate, e sabe disso.

— Parem de discutir e ponham a mesa — disse Elena.

— Quando foi a última vez que te ganhei? — perguntou Konstantin enquanto deitava o rei de lado.

— Dezanove de novembro de 1967 — disse Alexander, ao mesmo tempo que se levantavam e trocavam um aperto de mão.

Alexander pôs o saleiro novamente na mesa e guardou outra vez as peças de xadrez na caixa, enquanto o pai tirava três pratos da prateleira por cima do lava-louça. Alexander abriu a gaveta da cozinha e tirou três facas e três garfos de épocas distintas. Lembrou-se de um parágrafo de *Guerra e Paz* que acabara de traduzir. Os Rostovs desfrutavam regularmente de um jantar com cinco pratos diferentes («jantar» era uma palavra mais adequada do que ceia... Quando voltasse para o quarto, ia alterá-la), e havia um conjunto de talheres de prata diferentes a acompanhar cada um deles. A família também tinha uma dúzia de criados de libré que se perfilavam atrás de cada cadeira para servir as refeições que tinham sido preparadas por três cozinheiras, que pareciam nunca sair da cozinha. Mas Alexander tinha a certeza de que era impossível os Rostovs terem uma cozinheira melhor do que a mãe, caso contrário não estaria a trabalhar no clube dos oficiais.

«Um dia...», disse ele para consigo enquanto acabava de pôr a mesa e se voltava a sentar no banco em frente ao pai. Elena juntou-se-lhes com a oferenda dessa noite, que repartiu entre os três, mas não em partes iguais. O resto da salsicha tinha sido cortado em dois bocados, a batata em cubos e as cascas fritas e empratadas como um acepipe. Ambos os seus homens tinham também uma pastinaga, juntamente com uma fatia de pão escuro e toucinho.

— Esta noite, tenho uma reunião na igreja — disse Konstantin enquanto pegava no garfo. — Mas devo voltar muito tarde.

Alexander cortou a salsicha em quatro pedaços, mastigando lentamente cada um deles, entre bocados de pão e goles de água. Guardou a pastinaga para o fim. O seu sabor insípido perdurou-lhe na boca. Nem sequer tinha a certeza se gostava daquilo. Em *Guerra e Paz*, só a criada comia pastinaga. Apesar de fazerem render o tempo e de falarem constantemente, a refeição terminou em poucos minutos.

Konstantin esvaziou o seu copo de água, limpou a boca à manga do casaco, levantou-se e saiu da cozinha sem uma palavra.

— Podes voltar para os teus livros, Alexander. Isto não me deve levar muito tempo — disse a mãe, dispensando-o com um aceno de mão.

Alexander obedeceu-lhe alegremente. De volta ao quarto, substituiu a palavra «ceia» por «jantar», antes de virar a página e continuar a traduzir a obra-prima de Tolstoi. «Os franceses avançavam sobre Moscovo...»

Quando Konstantin saiu do edifício de apartamentos para a rua, não se apercebeu de um par de olhos que o fitavam lá de cima.

Vladimir estava à janela para passar o tempo, incapaz de se concentrar nos trabalhos escolares, quando viu o camarada Karpenko a sair do edifício. Era a terceira vez naquela semana. Onde é que ele ia àquela hora da noite? Talvez devesse descobrir. Saiu rapidamente do quarto e desceu o corredor em bicos de pés. Conseguia ouvir um ressonar ruidoso vindo da sala e espreitou lá para dentro, vendo o pai refastelado numa cadeira estofada a crina, com uma garrafa de vodca vazia no chão, ao lado dele. Abriu e fechou a porta de entrada sem fazer barulho, e depois desceu os degraus de pedra como uma flecha até chegar à rua. Olhando para a esquerda, viu

o senhor Karpenko a dobrar a esquina e correu atrás dele, abrandando antes de chegar ao final da estrada.

Espreitou quando chegou à esquina e viu o camarada Karpenko entrar na Igreja do Apóstolo André. «Mas que perda de tempo», pensou Vladimir. A Igreja Ortodoxa podia ter sido vista com maus olhos pelo KGB, mas não tinha sido oficialmente proibida. Preparava-se para dar meia-volta e regressar a casa quando viu outro homem sair das sombras, alguém que nunca vira na igreja ao domingo.

Vladimir teve o cuidado de se manter escondido enquanto avançava lentamente em direção à igreja. Viu aparecer outros dois homens, vindos do lado contrário, que desapareceram rapidamente lá dentro, e depois estacou ao ouvir o som de passos atrás de si. Esgueirou-se ao longo da parede e deitou-se no chão, esperando até que o último homem passasse antes de rastejar por entre as lápides até às traseiras da igreja e a uma entrada que só era usada pelos elementos do coro. Rodou a maçaneta da porta e praguejou quando esta não abriu.

Olhando à sua volta, avistou uma janela entreaberta por cima dele. Não chegava lá, por isso usou uma pedra como degrau para se içar. À terceira tentativa, conseguiu agarrar-se ao peitoril e, com um esforço supremo, içou-se e fez passar o corpo esguio pela janela antes de cair no chão, do outro lado.

Sem fazer barulho, Vladimir percorreu a parte de trás da igreja em pontas de pés até chegar ao coro, onde se escondeu atrás do altar. Assim que os batimentos do seu coração voltaram quase ao normal, espreitou pelo lado do altar e viu uma dúzia de homens sentados nos bancos do coro, embrenhados na conversa.

— Então, quando é que vais partilhar a tua ideia com o resto do pessoal? — estava um deles a perguntar.

— No próximo sábado, Stefan — disse Konstantin —, quando todos os nossos camaradas se juntarem para a reunião de trabalho mensal. Nunca terei uma oportunidade melhor para os convencer a juntarem-se a nós.

— E nem uma palavra a alguns dos trabalhadores mais velhos sobre o que tens em mente? — perguntou outro.

— Não. A nossa única hipótese de sucesso é a surpresa. Não precisamos de alertar o KGB para o que estamos a preparar.

— Mas com certeza que eles têm espiões na sala, a escutar cada palavra que dizes.

— Eu estou ciente disso, Mikhail. Mas nessa altura a única coisa que poderão comunicar aos seus chefes é a dimensão do apoio que temos para formar um sindicato independente.

— Embora não tenha dúvidas de que os homens te irão apoiar — disse uma quarta voz —, a verdade é que, por mais apaixonante que seja, não há oratória capaz de parar uma bala no seu caminho. — Vários homens acenaram, mostrando a sua concordância.

— Depois de terminar o meu discurso no sábado — disse Konstantin —, o KGB terá o cuidado de não fazer nada assim tão estúpido porque, se o fizesse, os homens iam revoltar-se a uma só voz, e o KGB nunca mais ia conseguir enfiar novamente o génio dentro da lâmpada. Mas o Yuri tem razão — prosseguiu. — Todos vocês estão a correr um risco considerável por uma causa em que acredito há muito, por isso se alguém quiser mudar de ideias e abandonar o grupo, é a altura certa para o fazer.

— Não vais encontrar um Judas entre nós — disse outra voz, enquanto Vladimir reprimia a vontade de tossir. Os homens levantaram-se ao mesmo tempo, reconhecendo Karpenko como seu líder.

— Nesse caso, voltamos a reunir no sábado de manhã. Até lá, devemos ficar calados e manter os nossos projetos em segredo.

Vladimir sentia o coração a bater descompassado enquanto os homens trocavam apertos de mão, um por um, antes de sair da igreja. Não se mexeu até ouvir finalmente a grande porta do lado oeste a fechar-se e uma chave a rodar na fechadura. Nessa altura, voltou a correr para a sacristia e, com a ajuda de um banco, voltou a escapular-se pela janela, agarrando-se ao peitoril antes de cair no chão como um lutador experiente. A única disciplina em que Alexander não lhe levava a melhor.

Sabendo que não tinha tempo a perder, Vladimir correu na direção oposta ao senhor Karpenko, para uma rua que não precisava de uma placa a dizer ENTRADA PROIBIDA, uma vez que só os funcionários do partido pensavam em entrar na avenida Estaline. Ele sabia exatamente onde morava o major Polyakov, mas perguntou-se se teria coragem de lhe bater à porta àquela hora da noite. Para dizer a verdade, a qualquer hora do dia ou da noite.

Quando chegou à rua com as suas árvores frondosas e a bonita calçada empedrada, Vladimir parou e olhou para a casa, perdendo a coragem a cada segundo que passava. Por fim, reuniu a suficiente para se aproximar da porta da entrada e preparava-se para bater quando ela foi aberta por um homem que não gostava de ser apanhado de surpresa.

— O que queres, rapaz? — perguntou o homem, agarrando a visita indesejada pela orelha.

— Tenho informações — disse Vladimir —, e, quando o senhor visitou a nossa escola no ano passado, à procura de recrutas, disse-nos que as informações eram de ouro.

— É bom que valha a pena — disse Polyakov, que não largou a orelha do rapaz enquanto o arrastava para dentro de casa, fechando a porta atrás dele. — Começa a falar.

Vladimir reproduziu fielmente tudo o que tinha ouvido na igreja. Quando chegou ao fim, a pressão na sua orelha tinha sido substituída por um braço sobre o seu ombro.

— Reconheceste mais alguém, além de Karpenko? — perguntou Polyakov.

— Não, senhor, mas ele mencionou os nomes Yuri, Mikhail e Stefan.

Polyakov tomou nota dos nomes e depois disse:

— Vais ao jogo, no sábado?

— Não, senhor, está esgotado, e o meu pai não conseguiu...

Como um ilusionista, o diretor do KGB tirou um bilhete de um bolso interior e entregou-o ao seu recruta mais recente.

Konstantin fechou a porta do quarto sem fazer barulho, pois não queria acordar a mulher. Descalçou as botas pesadas, despiu-se e enfiou-se na cama. Se saísse suficientemente cedo, na manhã seguinte, não teria de explicar a Elena o que ele e os seus discípulos andavam a tramar e, mais importante ainda, o que tinha planeado para a reunião de sábado. Era melhor ela pensar que ele tinha estado a beber, ou até mesmo que havia outra mulher, do que sobrecarregá-la com a verdade. Sabia que ela ia tentar convencê-lo a não ir para a frente com o discurso que tinha preparado.

No fim de contas, não tinham uma vida assim tão má, podia ouvi-la a lembrar-lhe. Viviam num bloco de apartamentos com eletricidade e água corrente. Ela tinha o seu trabalho de cozinheira no clube dos oficiais, e Alexander estava à espera de saber se tinha ganhado uma bolsa para a prestigiada escola de línguas estrangeiras em Moscovo. O que mais podiam querer?

Que um dia toda a gente pudesse tomar tais privilégios como garantidos, ter-lhe-ia respondido Konstantin.

Ficou toda a noite acordado, a compor mentalmente um discurso que não podia correr o risco de transpor para o papel. Levantou-se às cinco e meia e mais uma vez teve o cuidado de não acordar a mulher. Lavou o rosto na água gelada, mas não fez a barba, a seguir vestiu o fato-macaco e uma camisa áspera de colarinho aberto, antes de calçar finalmente as botas ferradas bastante batidas. Esgueirou-se do quarto e foi buscar a sua lancheira à cozinha: um ovo cozido, uma cebola e duas fatias de pão e queijo. Só os membros do KGB comiam melhor.

Fechou a porta da rua sem fazer barulho e desceu os degraus de pedra gastos até chegar à rua deserta. Fazia sempre os seis quilómetros até ao trabalho a pé, evitando o autocarro a abarrotar que levava e trazia os trabalhadores das docas. Se queria sobreviver para lá de sábado, precisava de estar em forma, como um soldado altamente treinado no campo de batalha.

Sempre que passava por um colega de trabalho na rua, Konstantin cumprimentava-o com uma continência fingida. Uns retribuía a saudação, outros acenavam com a cabeça, enquanto um pequeno número, como maus samaritanos, olhava para o outro lado. Mais valia terem os números do partido tatuados na testa!

Konstantin chegou aos portões das docas uma hora depois e picou o ponto. Como supervisor, gostava de ser o primeiro a chegar e o último a sair. Caminhou ao longo do cais, enquanto pensava na primeira tarefa do dia. Um submarino com destino a Odessa, no mar Negro, tinha acabado de atracar na doca número 11 para reabastecer e para levar provisões, antes de seguir o seu caminho, mas isso só seria daí a

uma hora. Só os homens de maior confiança seriam autorizados a aproximar-se da doca número 11 nessa manhã.

O pensamento de Konstantin recuou à reunião da noite anterior. Havia alguma coisa que não estava bem, mas ele não sabia dizer o que era. Perguntou-se se seria alguém, e não alguma coisa, ao mesmo tempo que uma grande grua na outra ponta da doca começava a levantar a sua pesada carga e a oscilar lentamente em direção ao submarino que esperava na doca número 11.

O operador sentado na cabina da grua tinha sido cuidadosamente escolhido. Era capaz de descarregar um tanque no porão de um navio com uma margem de apenas alguns centímetros de cada lado. Mas não hoje. Hoje, ia transferir barris de petróleo para um submarino que precisava de se manter submerso durante dias a fio, mas essa tarefa também exigia uma precisão milimétrica. Um golpe de sorte: não havia vento naquela manhã.

Konstantin tentou concentrar-se, enquanto revia uma vez mais o seu discurso. Desde que nenhum dos seus colegas abrisse a boca, estava confiante de que tudo correria como planeado. Sorriu para consigo.

O operador da grua considerou que os cálculos tinham sido bem feitos. A carga estava perfeitamente equilibrada e imóvel. Esperou apenas mais um momento antes de empurrar suavemente para a frente uma alavanca pesada e comprida. O grande gancho abriu-se, libertando três barris de petróleo. Passados instantes, estes caíram sobre o cais. Precisão milimétrica. Konstantin Karpenko tinha olhado para cima, mas era tarde demais. Teve morte instantânea. Um acidente horrível, pelo qual ninguém seria responsabilizado. O homem que estava na cabina sabia que tinha de desaparecer antes que o primeiro turno picasse o ponto. Recolheu o braço da grua,

desligou o motor, saiu da cabina e começou a descer a escada até ao chão.

Quando pôs os pés no cais, tinha três colegas à sua espera. Sorriu para os camaradas, sem ver a lâmina serrilhada de quinze centímetros até lha cravarem bem fundo na barriga, rodando-a depois por várias vezes. Os outros dois homens seguraram-no até ele parar de gemer. Ataram-lhe os braços e as pernas antes de o empurrarem para a água. Veio três vezes à superfície, antes de desaparecer no fundo do mar. Não tinha entrado oficialmente ao serviço nessa manhã, por isso ainda ia levar algum tempo até alguém dar pela sua falta.

O funeral de Konstantin Karpenko realizou-se na Igreja do Apóstolo André. A afluência foi tão grande que, muito antes de o coro ter ocupado os seus lugares, muitas pessoas tiveram de ficar na rua.

O bispo que fez o elogio fúnebre descreveu a morte de Konstantin como um acidente trágico. Mas, provavelmente, era uma das poucas pessoas que acreditavam no comunicado oficial emitido pelo comandante da doca, e mesmo assim só depois de ter sido aprovado por Moscovo.

Sentados mais para a frente nos bancos sobrelotados, estavam doze homens que sabiam que não tinha sido um acidente. Tinham perdido o seu líder, e a promessa de uma investigação rigorosa pelo KGB em nada ajudava a sua causa, pois os inquéritos oficiais levavam normalmente dois anos, pelo menos, até apresentarem as suas conclusões, altura em que a sua oportunidade já teria passado.

Só a família e os amigos mais próximos foram até à sepultura, para prestar uma última homenagem. Elena chorou enquanto o corpo do marido era baixado lentamente à terra.

Alexander obrigou-se a reprimir as lágrimas de mão dada à mãe, coisa que não fazia há anos. De repente, tomou consciência de que, apesar da sua juventude, era agora o chefe da família.

Levantou os olhos, à procura de Vladimir, com quem não falava desde a morte do pai e que estava meio escondido ao fundo do ajuntamento. Quando os seus olhos se encontraram, o melhor amigo desviou rapidamente o olhar. As palavras do pai vieram subitamente à cabeça de Alexander. «É matreiro e cruel. Acredita no que te digo, ele era capaz de vender a mãe por um bilhete para a final da taça, provavelmente até para a meia-final.» Vladimir não resistira a contar a Alexander que tinha conseguido um bilhete para o jogo de sábado, embora não tivesse querido dizer quem lho tinha dado ou o que tivera de fazer para o conseguir.

Alexander só podia interrogar-se até onde Vladimir estaria disposto a ir para garantir que lhe ofereciam um lugar na universidade pública, a sua única hipótese de ser recrutado pelo KGB. Percebeu nesse instante que já não eram amigos. Passados alguns minutos, Vladimir partiu precipitadamente, como Judas durante a noite. Tinha feito tudo exceto beijar o pai de Alexander na face.

Elena e Alexander continuaram ajoelhados junto à sepultura até muito depois de todas as outras pessoas se terem ido embora. Quando finalmente se levantou, Elena não pôde deixar de pensar o que teria feito Konstantin para provocar tamanha ira. Só os membros do partido submetidos a uma lavagem ao cérebro mais radical podiam ter aceitado a versão oficial de que o operador da grua se suicidara, após aquele acidente trágico. Até Leonid Brejnev, o secretário-geral do partido, se juntara ao logro, com um porta-voz do Kremlin a anunciar que o camarada Konstantin Karpenko tinha sido

distinguido com o título de Herói da União Soviética e que a sua viúva iria receber pensão completa do Estado.

Elena já tinha centrado as suas atenções no outro homem da sua vida. Decidira que ia mudar-se para Moscovo, encontrar trabalho e fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para facilitar a carreira do seu filho. Mas depois de uma longa discussão com o seu irmão, Niko, aceitou relutantemente que teria de ficar em Leninegrado e tentar levar a sua vida como se nada tivesse acontecido. Já seria uma sorte manter o atual emprego, porque o KGB tinha tentáculos que se estendiam muito para além da sua insignificante existência.

No sábado, na meia-final da Taça Soviética, Leninegrado venceu Odessa por 2 a 1 e qualificou-se para jogar com o Torpedo de Moscovo na final.

Vladimir já estava a tentar descobrir o que precisava de fazer para conseguir um bilhete.